



## UMA REVISÃO DE LITERATURA: O AUMENTO DOS CASOS DE COQUELUCHE NO BRASIL

CRISTIANE RIZI DE OLIVEIRA

### RESUMO

A Coqueluche é uma infecção aguda no trato respiratório, altamente contagiosa que causa tosse intensa inicialmente semelhante ao resfriado comum, mas pode levar ao óbito. Afeta pessoas de todas as idades, todavia seus achados clínicos são mais graves em crianças. Esse estudo tem como objetivo descrever sobre o atual aumento da Coqueluche no Brasil, diretamente relacionado a queda na cobertura de vacinação. O presente estudo descritivo e qualitativo, do tipo revisão bibliográfica, utilizou as bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), ScienceDirect, o SciELO e PubMed. Desde a década de 1990, a patologia sofreu quedas significativas com a cobertura vacinal de crianças aos 2, 4 e 6 meses de vida pela vacina pentavalente, bem como os dois reforços por meio da dTP -tríplice bacteriana infantil- indicada aos 15 meses de vida e aos 4 anos de idade, chegando a próximo de 100% em 2000. Toda via, a partir de 2011, a adesão a vacina foi negligenciada por muitas famílias que, unido a um cenário complexo que será abortado e a ciclicidade da doença, que ocorre em intervalos de três a cinco anos, elevando assim o número de casos, resultaram no pico da doença em 2014. A coqueluche que, após grande adesão a vacinação, mostrou-se em fase de erradicação voltou a ameaçar a saúde pública. Com isso, o presente tema mostra-se relevante pois põem em relevo a necessidade conscientização sobre a importância da vacinação.

**Palavras-chave:** Infecção Aguda; Imunização; Saúde Pública.

### 1 INTRODUÇÃO

A Coqueluche é uma infecção aguda no trato respiratório altamente contagiosa causada pela bactéria *Bordetella pertussis*, a qual, após infectar o homem – seu único reservatório natural - causa tosse intensa e frequente (Mattoo & Cherry, 2005; Castro & Milagres, 2017). Apesar de ser mais comum em crianças, a coqueluche pode afetar pessoas de todas as idades e, em casos graves, pode levar a complicações sérias, especialmente em lactentes não vacinados (Mattoo & Cherry, 2005; Machado & Passos, 2019). A transmissão da coqueluche ocorre principalmente por meio de gotículas respiratórias dispersas no ar quando uma pessoa infectada tosse ou espirra, podendo resultar em complicações graves, como pneumonia, convulsões, danos cerebrais e até mesmo morte (Elias *et al.*, 2009).

Devido à grande complexidade e gravidade da enfermidade para o Sistema Público de Saúde, o presente estudo tem o objetivo de apresentar as explicações mais relevantes para o atual aumento da Coqueluche no Brasil, após anos de sucessivas quedas, além de discutir sobre a necessidade de direcionar esforços para aumentar a conscientização sobre a importância da vacinação, especialmente em gestantes, familiares e cuidadores de crianças pequenas.

### 2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo descritivo e qualitativo, do tipo revisão bibliográfica, teve como objetivo reunir e analisar estudos relevantes sobre a Coqueluche. As bases de dados

consultadas foram a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), ScienceDirect, o SciELO e PubMed. A busca foi realizada utilizando os descritores “coqueluche” e as combinações “Internações” AND “Epidemiologia” com operadores booleanos para ampliar a abrangência. Foram incluídos estudos que abordassem diretamente o aumento da Coqueluche no Brasil. Artigos com acesso pago foram excluídos. Primeiramente, foram analisados os títulos e resumos dos artigos e depois foram selecionados aqueles mais relevantes. Os estudos selecionados foram lidos na íntegra, e as informações obtidas foram combinadas para formação do presente trabalho.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Brasil, a Coqueluche possui vacinação gratuita pelos Sistema Único de Saúde (SUS) que previne a patologia e contribuiu para mantê-la por anos como erradicada. Desde a década de 1990, apresentou importante redução na incidência dos casos e ampliação das coberturas vacinais para cerca de 70%. À medida que as coberturas vacinais se elevaram para valores próximos a 95 e 100%, no período de 1998 a 2000, observou-se que a incidência reduziu.

A partir de 2011, ocorreu um súbito aumento de casos da doença, no país. Em 2014 atingiu o maior pico de casos (8.614). As razões para o pico não são facilmente identificáveis, porém alguns fatores podem ser atribuídos, como: o aumento da sensibilidade da vigilância epidemiológica e da rede assistencial, falhas de proteção imunológica da população, perda da imunidade, bem como a ciclicidade da doença, que ocorre em intervalos de três a cinco anos, elevando assim o número de casos.

A vacina pentavalente é aplicada aos dois, quatro e seis meses de vida e mais dois reforços por meio da dTP -tríplice bacteriana infantil- indicada aos 15 meses de vida e aos 4 anos de idade (Feijó *et al.*, 2006). Além disso, a imunização é especialmente importante para gestantes, que após receberem a vacina tríplice bacteriana acelular (dTpa) a partir da 20ª semana de gestação, conferem ao bebê proteção passiva nos primeiros meses de vida. Toda via, neste trabalho observamos um aumento nas taxas de infecção e hospitalização de crianças, bem como uma alarmante diminuição da cobertura vacinal.

A vacinação é a principal forma de prevenir a coqueluche, mas se a taxa de vacinação cair, a imunidade coletiva da população diminui, tornando as crianças mais suscetíveis à infecção. Isso pode ser resultado de várias razões, incluindo falta de acesso às vacinas, hesitação dos pais em vacinar seus filhos devido a preocupações com segurança ou falta de conscientização sobre a importância da vacinação (Viana *et al.*, 2023)

A região nordeste — afetada pela falta de infraestrutura adequada de saúde, acesso limitado a serviços médicos e barreiras financeiras — apresentou a maioria das internações (Barata & Pereira, 2013). Além disso, questões relacionadas à educação em saúde e conscientização sobre a importância da vacinação também podem desempenhar um papel importante (Mizutta *et al.*, 2019).

Uma das razões pelas quais crianças menores de 1 ano são as mais afetadas pela coqueluche é que elas ainda não completaram seu esquema de vacinação (Medeiros *et al.*, 2017). Além disso, o sistema imunológico dos bebês ainda está em desenvolvimento, o que os torna mais vulneráveis a infecções como a coqueluche.

Uma das razões para a maioria das internações por coqueluche serem urgentes é o diagnóstico tardio da doença. A coqueluche pode apresentar sintomas iniciais semelhantes aos de um resfriado comum: febre baixa, coriza e tosse seca o que pode levar a atrasos no reconhecimento da doença. Como resultado, algumas crianças podem não receber o tratamento adequado nos estágios iniciais, o que aumenta o risco de complicações graves, como pneumonia, convulsões e até mesmo insuficiência respiratória (Machado & Passos, 2019).

A densidade populacional e a urbanização intensa do Sudeste podem contribuir para uma maior disseminação da doença. Grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, podem facilitar a transmissão da coqueluche devido à alta concentração de pessoas e à mobilidade populacional, o que aumenta o risco de contágio e a demanda por serviços de saúde. Além disso, a infraestrutura de saúde na região Sudeste, embora seja relativamente mais desenvolvida em comparação com outras regiões do país, pode enfrentar desafios significativos para lidar com a demanda por atendimento médico relacionado à coqueluche.

#### 4 CONCLUSÃO

Conclui-se que — após um estudo detalhado das mais completas bases de dados — o aumento dos casos de Coqueluche se entrelaça com a diminuição da adesão a vacinação ao longo dos anos, o que agrava os ciclos de aumento de casos a cada cinco anos. Outro ponto relevante posto em destaque é o diagnóstico tardio devido aos achados clínicos serem semelhantes ao de doenças leves, aumentando, assim, o risco de complicações graves. Logo, é inegável a necessidade de mais estudos que detalhem as principais causas da queda da cobertura vacinal. Sendo que tal cenário, caso não seja remediado, não impactará apenas a Coqueluche, doença que estava próxima a erradicação, mas sim em doenças graves, já erradicadas. A ciência precisa ser aliada da população mais desprovida de informações, trazendo segurança e comprovando os benefícios das imunizações, além disso, não é possível admitir que o país após índices excelentes de cobertura vacinal, regreda a pontos de resultar em uma futura calamidade na saúde pública. Logo, é necessário direcionar esforços para aumentar a conscientização sobre a importância da vacinação, especialmente em gestantes, familiares e cuidadores de crianças pequenas.

#### REFERÊNCIAS

BARATA, R.B. & PEREIRA, S.M. Desigualdades sociais e cobertura vacinal na cidade de Salvador, Bahia. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 16, n. 2, p. 266, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2013000200004>.

ELIAS, C.D. et al. Caso fatal de coqueluche em um lactente. *Pulmão RJ*, v. 18, n. 3, p. 155, 2009.

FEIJÓ, R.B. et al. Calendário vacinal na infância e adolescência: avaliando diferentes propostas. *Jornal de Pediatria*, v. 82, n. 3, p. s4, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572006000400002>.

MACHADO, M.B. & PASSOS, S.D. Severe pertussis in childhood: Update and controversy - systematic review. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 37, n. 3, p. 351, 2019. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/;2019;37;3;00006>

MATTOO, S. & CHERRY, J.D. Molecular pathogenesis, epidemiology, and clinical manifestations of respiratory infections due to *Bordetella pertussis* and other *Bordetella* subspecies. *Clinical Microbiology Reviews*, Washington, v. 18, n. 2, p. 326, 2005. <https://doi.org/10.1128/CMR.18.2.326-382.2005>.

MEDEIROS, A.T.N. et al. Reemergência da coqueluche: perfil epidemiológico dos casos confirmados. *Cadernos Saúde Coletiva*, v. 25, n. 4, p. 453, 2017. <https://doi.org/10.1590/1414-462X2017000400069>.

MIZUTA, A.H. et al. Percepções acerca da importância das vacinas e da recusa vacinal numa escola de medicina. Revista Paulista de Pediatria, v. 37, n. 1, p. 34, 2019.  
<https://doi.org/10.1590/1984-0462/;2019;37;1;00008>.

VIANA, I.S. et al. Hesitação vacinal de pais e familiares de crianças e o controle das doenças imunopreveníveis. Cogitare Enfermagem, v. 28, p. e84290, 2023.  
<https://doi.org/10.1590/ce.v28i0.84290>.